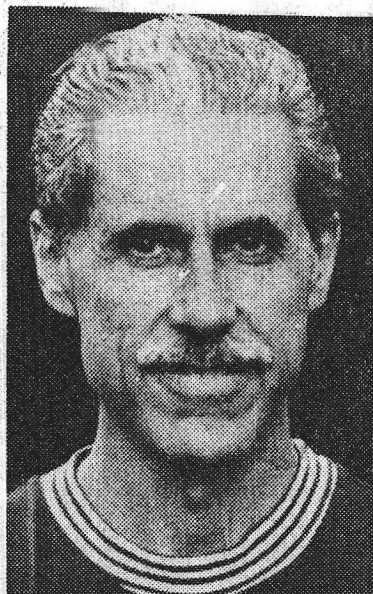
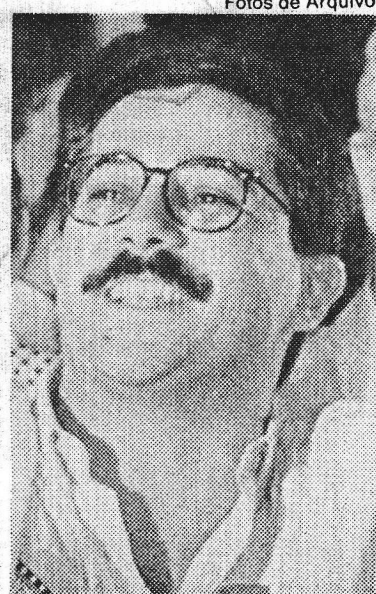




Cristóvam Buarque: aviso ao PT



Vítor Buaiç: gratidão a Cardoso



Paulo Afonso: apoio a reformas

Cardoso conquista apoio de todos os governadores

■ Nem Buaiç e Cristóvam Buarque, do PT, vão fazer oposição

MARCEU VIEIRA

Numa situação inédita na acidentada história da democracia brasileira, o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso não enfrentará a oposição de nenhum dos 27 governadores da safra 1994. "Governador não tem que fazer oposição a presidente da República. Isso é atribuição de quem está no Congresso Nacional", manda seu recado do Espírito Santo o médico Vítor Buaiç, um dos dois governadores que o PT elegeu. "Não serei prisioneiro e nem instrumento de pressão do PT contra o presidente", avisou na quinta-feira Cristóvam Buarque, petista vencedor no Distrito Federal.

Nunca um presidente da República teve condições tão favoráveis para governar. Isso é bom? "É, e muito", responde o cientista político Bolívar Lamounier, do Instituto de Estudos Econômicos e Políticos de São Paulo. "Sobretudo nos anos 50, os governos estaduais eram focos de oposição ao presidente; um sintoma de desequilíbrio institucional. Agora, nenhum governador eleito, pelo que se vê, vai querer desafiar o presidente. É sinal de amadurecimento institucional, é muito bom que aconteça."

Perigo — Há um porém, alerta Wanderley Guilherme dos Santos, professor titular de Ciência Política da UFRJ. "Não ter oposição é um perigo", diz. "É cenário impossível. Só acontece em regimes autoritários." Wanderley Guilherme aposta que a

boa vontade dos governadores tem data para acabar: 1º de janeiro. "É natural, de bom tom, que os novos eleitos digam que não serão oposição, que estão prontos para colaborar. É declaração formal. Mas isso acaba quando Cardoso começa a governar. Que eu saiba, não há na história dos povos democráticos registro de governo sem oposição."

Podê até ser, mas a boa vontade com Cardoso se estende, via governadores, à maioria do novo Congresso. Vítor Buaiç, por exemplo, eleito com o apoio de Cardoso, diz que não vai instruir com táticas de oposição os dois deputados eleitos pela frente liderada pelo PT no Espírito Santo. No Paraná, toda a bancada eleita pelo PDT — três deputados — deve se aliar a Cardoso. "Em parte, devo minha eleição ao PSDB do presidente", dizia, a uma semana do segundo turno, o pedetista Jaime Lerner, eleito governador do Paraná em 3 de outubro. "No PDT, só os deputados do Rio farão oposição. E, mesmo assim, não são todos", diz um parlamentar do PDT do Pará, reeleito pela coligação de Almir Gabriel (PSDB), vitorioso na disputa pelo governo do estado.

A solidariedade que Cardoso encontra no Norte cruza o país e chega ao Sul. "Estou predisposto a apoiar o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso", afirma, sem cerimônias, o governador eleito de Santa Catarina, Paulo Afonso Vieira (PMDB), aliado de Orestes Quércia na disputa presidencial. "Eu e o presi-

dente temos a mesma origem partidária, o MDB", faz questão de lembrar. "De minha parte, procurarei estar sintonizado com o governo federal. Só assim poderemos promover as reformas necessárias ao país."

Agenda — Está aí, na avaliação de Bolívar Lamounier, a chave do enigma que está dando a Cardoso uma saraivada de apoios Brasil a fora. "Existe no Brasil uma agenda para a qual os políticos caminham em consenso. Quem hoje não quer equilíbrio fiscal e equilíbrio da moeda?" Ninguém, até o PT responderia. "Certamente haverá divergência na forma de fazer, mas não no que fazer." Wanderley Guilherme dos Santos concorda, mas ressalva: "Não há discordância sobre a agenda de prioridades, mas insisto: seria ingenuidade acreditar que não haverá oposição à maneira de tocar as reformas."

Cardoso certamente falará dessas reformas na quarta-feira, em Brasília, durante encontro convocado por ele com todos os governadores eleitos. O futuro presidente prepara, em suas próprias palavras, "um conjunto de medidas fortes para sanear as finanças públicas". Para essas medidas, adianta, espera a "compreensão" dos governadores. Pode ser que, a partir da reunião, comece a se confirmar a previsão de Wanderley Guilherme — e tanta boa vontade com o novo presidente acabe no dia da posse.

Colaborou: Cristina Braga, de Florianópolis